

« grandeza » que servirá de termo de comparação para deduzir-se a « relação » que é o numero.

Estabelecida essa distincção fundamental, nada mais facil do que comprehender a fracção. E' « numero », sem o que não seria do dominio da Arithmetica; si é « numero », presupõe uma « unidade » (grandeza), e na unidade é que differe do chamado numero inteiro. A fracção, definiria eu, com um author (o nome pouco importa): é um numero em que a unidade é parte da unidade primitiva, isto é, em que o termo de comparação é parte da grandeza, tomada para servir de ponto de partida.

Não achas fundamento no que fica exposto?

Ainda outro exemplo das perniciosas consequencia do estudo imperfeito do numero:

Tens ouvido fallar dos « celebres » complexos como das cousas mais difficeis, e sobre tudo das taes « partes aliquotas »; pois eu confesso-te ingenuamente que, a meu vêr, as causas dessas difficuldades são os authores pela pessima ideia que dão do « numero »; limitam-se ás noções, circumscrevendo-as em um circulo apertado, quero dizer, fazem ds continente conteúdo, e depois inventam uma serie de nomes para indicar a mesma cousa.

Pois não te parece que as operações sobre complexos tornar-se-hiam extremamente comprehensíveis, desde que houvesse ideias claras e precisas a respeito dos systemas de numeração? Reflecte e me dirás se tenho razão.

Esta carta, porém, está ficando extensa, mais do que o desejava; o que disse, no entanto, foi apenas um esboço das questões que procurarei discutir mais detidamente nas outras missivas que te hei de dirigir; por hoje páro aqui, fazendo ainda uma vez sentir que limito-me apenas a repetir o que já li algures.

* * *

SECÇÃO LITTERARIA

Ao Sr. Teixeira Mendes.

Na *Crença* n. 10 veio á luz uma apreciação sua sobre um livro recentemente publicado com o titulo de *Gritos da Carne*. Este livro, cujo author o Sr. José Leão, já vantajosamente conhecido pela publicação dos *Microscopios*, não deve passar desaperccebido para os amantes da litteratura patria, e como o meu modo de apreciar-o é muito diverso do seu, peço-lhe encarecidamente que faça inserir em seu jornal esta humilde publicação.

Tenho para mim que uma das maiores vantagens que esse livro conquista, consiste justamente n'aquillo de que mais o censuram; isto é:

o materialismo n'arte. A razão é simples: é por que as emoções reaes e a verdade nua também têm o seu merito.

Nos *Gritos da Carne* a mulher é sempre a mesma: apparece com todo o fulgor da belleza plastica, com todas as voluptuosidades do amor physiologico. O author não corrige a natureza, não idealisa a materia, não cria como os *poetas sonambulos* um desses typos immateriaes e intagiveis; ao contrario, apresenta a mulher segundo a natureza, mostra a estatua nua com essa voluptuosidade provocante que celebrisára Aspasia.

Respeitemos, pois, um livro assim. Quando Garret publicou o seu *Retrato de Venus*, ninguém clamou contra a immoralidade porque respeitava-se ali uma verdade que a poesia nunca proscreeu.

Alvares de Azevedo não é menos estimado por ter descripto quadros vivos e levantado o véo a torpezas desconhecidas.

Admiro que a appareição dos *Gritos da Carne* tenha ferido a pudica susceptibilidade de alguns jornaes.

Na apreciação de uma obra puramente litteraria como os *Gritos da Carne* não se deve procurar idéas moraes do bom e do justo como em um compendio de philosophia; deve-se antes de tudo apreciar o bello, a esthesia da concepção. O que seria de um poeta se compozesse um volume de versos com um tratado de moral na mão? Que merito teria Lucrecio se fosse julgado pelas leis da razão philosophica? Não passaria talvez de um materialista immoral.

E' preciso que um critico se não transforme em *prégador*.

Nos *Gritos da Carne*, concordo com S. S., ha bellezas de muito merito.

Conta-se que um artista grego ao pintar o sacrificio de Iphigenia lançára um véo sobre o rosto de Agamenon, com medo que a expressão de uma dôr profunda não aterrorasse a humanidade; o Sr. José Leão ao contrario disso arranca o véo á estatua e nol-a mostra em toda sua nudez, mas soube espalhar em suas descripções voluptuosas uma sombra de tristeza, uma eloquencia plangente que deleitam summamente o ouvido e deixam n'alma as mais agradaveis impressões. Ha nesse livro notas muito pouco conhecidas e que exprimem, permitta-me a expressão, a sensualidade da tristeza. Veja por exemplo essa estrophe logo á segunda pagina:

Eu adoro a mulher qual inda existe
Nas selvas indianas
A pensar no prazer, de rosto triste,
A' porta das cabanas...

e depois como se quizesse expellir d'alma a im-

pressão melancolica do verso, diz um pouco adeante em estylo quasi cynico

Eu sempre fui um bardo exquisitorio:
Desejei ter amores com ciganas,
E viver escanchado a um refeitório
Entre gregas, francezas e romanas...

E' este o espirito de sensualidade, esse desejo immoderado de goso que anima todo o rosto do livro; ás vezes, porém, a musa do poeta eleva-se a uma athmosphera mais casta, limita-se a uma admiração centemplativa, ás emoções mais puras de um prazer idéal.

A poesia que começa:

Ha no paiz das flôres tenues nevoas
Que se levantam nas manhãs divinas,

é um exemplo disso. Esta poesia é uma das mais bellas dos livros; ha ahi estrophes de uma belleza natural, e que S. S. me permittirá transcrever:

Oh! nessas ondas de saudoso influxo
Vagam lembranças de inditoso amor,
E a voz de Tasso as solidões povoa,
E o echo espanta os aleyons que gemem
Aos lamentos da dôr.

Do céu azul as peregrinas nuvens
Fogem medrosas n'amplidão sem fim,
E á noite a lua não produz mais sonhos
Nem Julieta, nem Romeu se beijam
No ermo camarim.

E então? Não acha que esta poesia pôde ser comparada a qualquer das melhores de Alvares de Azevedo?

Segue-se a ella um poemeto devi lido em trez pequenos cantos, intitulado:—*Fascinação*. E' uma dessas poesias populares de que Juvenal Galeno nos deu o modelo, e cujo assumpto se exprime em duas palavras: é um sapo que fascina uma moça com seus olhares indiscretos. O maganão espreita as horas em que a moça se banha para bispar-lhe os gestos intimos e bellezas occultas.

Neste genero a *Fascinação* é uma das melhores poesias que eu tenho visto, e permitta-me S. S. que eu não me furte ao prazer de transcrever esse trecho para trazer á idéa o lugar da scena.

O enredo se passa em um banheiro.
Especie de mansão que cercam flôres
A' margem caprichosa de um ribeiro...

Era ahi que o maldito sapo vinha envolver Hermelinda em sua rede de olhares sympathicos; mas parece que a cousa nem sempre se passava assim em olhadellas magneticas.

Acontece que um dia estava nua, etc.

Eu acho nesta poesia abundancia de chiste e côr local, mas nem sempre a musa do poeta se mantém assim, cahe ás vezes n'um scepticismo, n'uma descrença profunda que dão á têla a côr

sombria das tempestades d'alma. Na poesia *Incomprehensivel* o poeta parece passar por uma dessas crises psychologicas que quasi sempre conduzem ao de lirio ou á morte!

Este artigo já vae longo, S. S. que tem em alto gráo, bom senso critico e o talento de apreciação, julga o nosso author rigorosamente ás vezes. Entendo que o defeito dos *Gritos da Carne* não está na substancia, como quer S. S., mas na fôrma. Ahi, sim, ha defeitos e alguns maiores do que um simples descuido de fôrma, pois ha inadvertencias grammaticaes. Mas, em uma obra como esta, não se deve esmerilhar defeitos; o author precisa mais de animação que de censura.

Para um author novo é mais proveitoso apontar-se as bellezas em que se estreiou do que censurar-se os erros em que cahio.

Considerando assim a alta missão da critica, eu só tenho para dar, ao Sr. José Leão, os meus sinceros elogios.

NOGUEIRA BORGES.

COMMUNICADO

Ao Illm. Sr. R. T. Mendes.

E' exacto que S. S. nos declarou pessoalmente que nos responderia quando tivessemos terminado a nossa refutação aos seus artigos; e como cremos tel-a terminado, foi esta razão que nos levou a declarar no nosso precedente artigo que esperavamos a resposta de S. S. para continuarmos.

Assim esperamos que S. S. nos responda pois que para entrarmos na 2ª parte das nossas considerações, julgamos preferível terminarmos, a 1ª faltando apenas para isto a sua resposta.

PAULO DE FRONTIN.

NOTICIARIO

Fomos obsequiados com o 1º numero da 2ª serie da *Idéa*, publicação mensal dirigida pelo illustrado e intelligente poeta, o Sr. J. E. Teixeira de Souza.

A *Idéa* não é desconhecida no microscosmo litterario academico; já tem um passado que conquistou os merecidos applausos com que foi recebido o seu reaparecimento, e que garantem-lhe dias venturosos e novas glorias. Oriunda do mesmo seio que a *Crença*, vivendo das mesmas esperanças, caminhando para a mesma conquista, a *Idéa* não nos pôde merecer sinão sympathias e sinceros parabens pelo interesse que dedica á homenagem que exigimos se renda á